

CLICK

EDIÇÃO
ESPECIAL
ABRIL
2025

Concurso Municipal de Leitura 2025

Agrupamento de Escolas
de Muralhas do Minho

*As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;*

*E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras vicinias
De África e de Ásia andaram
E aqueles, que por obras
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.*

*Cessem da sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.*

*E vós, Táides minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado*



Sumário

- 2 Porquê Camões
- 3 Luís de Camões: quem tem um olho é rei
- 4 Camões foi preso e combateu piratas
- 5 Naufrágio e prisão!
- 5 Camões regressa a Portugal
- 6 Camões é o poeta do amor
- 6 O Barbi-Ruivo: Como era Luís de Camões?
- 7 Um livro na sala de visitas
- 9 *Os Lusíadas*, uma homenagem épica
- 9 Embarcar n' *Os Lusíadas*
- 10 *Os Lusíadas* contados aos jovens
- 11 Plano da mitologia
- 12 O concílio dos deuses
- 13 Como era a vida a bordo das naus dos Descobrimentos?
- 14 O Sentimento dum Ocidental
- 15 Passatempos
- 16 Alunos do Agrupamento na final do Concurso Municipal de Leitura

Porquê Camões

Luís Vaz de Camões era o seu nome completo. Pensa-se que terá nascido em Lisboa, em 1524, e que viveu em Coimbra, onde terá frequentado o Colégio das Artes. Em Ceuta, combateu os mouros, ao serviço do rei de Portugal, e perdeu o olho direito. Esteve em Macau e em Goa. Foi na viagem para Goa que naufragou, mas conseguiu, nadando, salvar a vida e o manuscrito do célebre poema épico *Os Lusíadas*. Nesta obra, Camões conta, em verso, a História do povo português, desde a invasão da Península Ibérica até ao reinado de D. Sebastião.

Luís de Camões foi também um poeta lírico, escreveu vários sonetos, canções e redondilhas. Da sua obra fazem também parte algumas comédias. Faleceu em Lisboa, a 10 de junho de 1580.

É considerado por muitos o maior poeta português de todos os tempos.

Poetas de hoje e de ontem. Chimpanzé Intelectual.



Imagens

Página 1: Bruno Ferreira
 Páginas 2 e 16: Sandra Serra
 Páginas 3 e 16: David Siqueira

Página 4 e 13: RTP Ensina
 Páginas 5 e 6: Bruno Ferreira
 Página 8: André Letria

Página 9: Bruno Ferreira
 Página 10: Jean Galvão
 Páginas 11 e 12: Sara Lima

Luís de Camões: quem tem um olho é rei

Não se pode ser português sem se ouvir falar do poeta Luís Vaz de Camões. O Dia de Portugal é também o Dia de Camões.

Nas escolas, os textos de Camões têm sido estudados por gerações sucessivas. Escreveu centenas de poemas, algumas peças de teatro e, claro, *Os Lusíadas*, nada mais nada menos do que 1100 estrofes de oito versos, sempre a rimar direitinho até ao fim, sem falhar uma sílaba. Para escritor, não está nada mal, mas Camões teve uma vida tão aventureira que não se percebe como arranjou tempo para escrever tanto.

Não se sabe muito acerca da sua vida. Terá nascido em 1524 ou 1525, talvez em Lisboa. O que é certo é que tinha uma cultura inesgotável. Camões devia ser uma espécie de enciclopédia com pernas, o que quer dizer que talvez tenha feito estudos superiores em Coimbra.

Cumpriu o serviço militar em Ceuta e, num combate contra os mouros, perdeu um olho — e é por isso que aparece em estátuas e retratos com uma pala, o que lhe dá um ar de pirata. Regressado a Lisboa, envolveu-se numa luta, tendo ferido Gonçalo Borges, um homem com alguma importância na corte, o que o levou à prisão. Acabou por ser libertado, porque foi perdoado pelo agredido.

No mesmo ano, pôs-se a caminho da Índia. A viagem foi agitada, com direito a uma tempestade no cabo da Boa Esperan-



ça. O tema central d' *Os Lusíadas* é a viagem que Vasco da Gama tinha feito à Índia, anos antes, em 1498. Camões poderia ter usado a imaginação para reconstituir a viagem, mas a verdade é que fez o mesmo percurso, o que quer dizer que viu tudo aquilo que escreveu.

Viveu vários anos na Índia, onde continuou a escrever, tendo-se relacionado com pessoas importantes, como o vice-rei D. Francisco Coutinho ou Garcia de Orta. Diz-se que ainda terá estado em Macau. No regresso a Goa, naufragou na foz do rio Mecão e terá perdido a mulher por quem estava apaixonado.

Entretanto, ao tentar regressar a Portugal, passou uma temporada em Moçambique, onde Diogo de Couto, outro grande escritor, o encontrou a viver na pobreza. Com a ajuda de amigos, regressou a Lisboa, onde

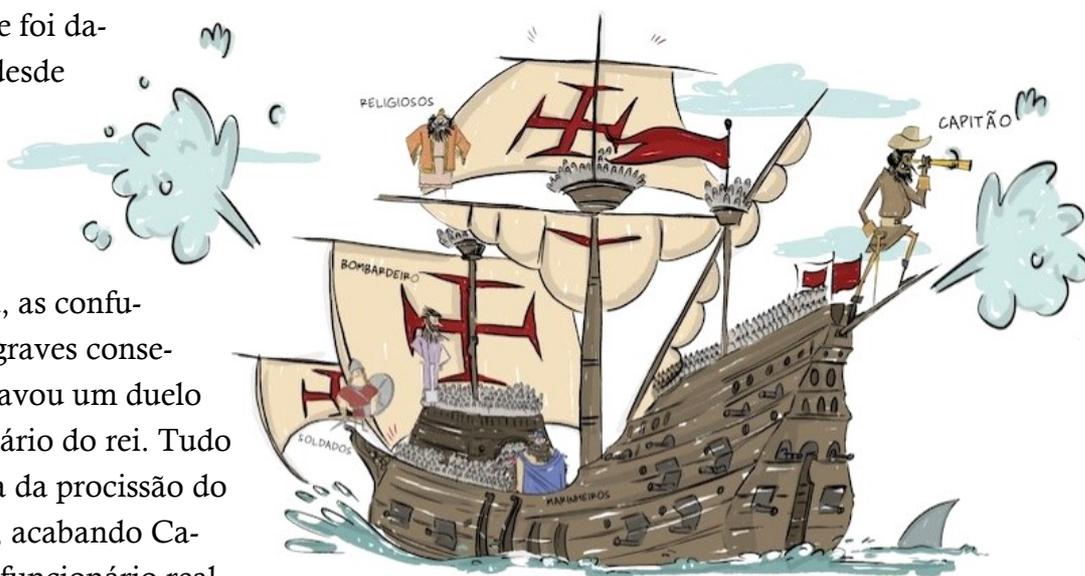
terminou *Os Lusíadas*. Diz-se que leu a obra toda ao próprio rei D. Sebastião, que lhe ofereceu uma tença, isto é, um subsídio. Ainda assim, viveu os últimos anos na miséria, vindo a morrer, ao que parece, em 1580.

É considerado o rei dos poetas, e a sua obra é estudada por todo o mundo.

Correia, R., & Nabais, A. F. (2023).
Contos arrepiantes da História de Portugal.
Nuvem de Tinta.

Camões foi preso e combateu piratas

Camões sempre foi dado a zaragatas, desde o tempo de estudante em Coimbra. Mas, no ano de 1552, em Lisboa, as confusões trouxeram graves consequências, pois travou um duelo com um funcionário do rei. Tudo aconteceu no dia da procissão do Corpo de Cristo, acabando Camões por ferir o funcionário real.



Por causa desse episódio, Camões acabou por ser preso.

O rei D. João III libertá-lo-ia mais tarde com a condição de o poeta partir e servir a pátria nas terras do império a Oriente. O exílio a que foi sujeito permitir-lhe-ia conhecer os lugares pelos quais passara Vasco da Gama aquando da descoberta do caminho marítimo para a Índia. Tal experiência ser-lhe-ia muito útil na escrita d'*Os Lusíadas*.

A partida de Camões para a Índia fez com que deixasse a vida desregrada e os amores infelizes que tinha em Portugal.

No Oriente, os portugueses viam-se obrigados a proteger as terras e os postos comerciais que possuíam por causa do comércio relacionado com as especiarias. Assim, nos primeiros anos, Camões participou em diversas expedições, tendo combatido os piratas que pretendiam assaltar os barcos carregados de especiarias.

A sua partida do país amado foi o início de um longo exílio, tendo sofrido mil e uma peripécias ao longo dos anos que esteve fora. Há quem diga que essa partida foi provocada por outros poetas que não o queriam a conviver na corte.

Naufrágio e prisão!



Na China, Camões tornou-se Provedor-mor de Bens dos Defuntos e Ausentes. Devido a este trabalho, foi acusado de desviar dinheiro. Para se defender, teve de embarcar e ir até Goa. Assim, por volta de 1559, o barco em que seguia afundou-se junto à Cochinchina. Por pouco, não perdeu a sua vida com o naufrágio e também por pouco *Os Lusíadas* não se perderam para sempre nas profundezas do mar.

A lenda conta que o poeta conseguiu nadar até terra com um só braço, porque o outro segurava *Os Lusíadas*. Nesse episódio, é por vezes referida a perda da companheira que teria nesse tempo. Mais um infortúnio no amor!

Em 1561, em Goa, Camões está novamente preso, não se sabendo o real motivo para o encarceramento (talvez por dívidas). É na prisão que recebe a notícia de que tinha morrido o seu antigo amor, Catarina de Ataíde.

Depois de liberto e com o livro *Os Lusíadas* já quase concluído, Camões decide regressar a Portugal para publicar o grandioso livro.

Camões regressa a Portugal

Luís de Camões está decidido a regressar a Portugal. Mas isso mostra-se difícil, pois está sem dinheiro.

Consegue viajar até Moçambique, onde acaba por ser abandonado, já que não tem dinheiro para comprar a passagem de barco que o levasse de volta a Portugal.

Conta o famoso historiador Diogo de Couto que o poeta vivia em Moçambique, no ano de 1569, muito pobremente, sendo sustentado por amigos.

Foram estes amigos que se organizaram, saldaram as suas dívidas e lhe pagaram a passagem de regresso a Portugal.

Finalmente, em 1570, Camões está de regresso à pátria amada.

Esteve mais de quinze anos longe de Portugal. Trazia a desilusão de não ter enriquecido no Oriente, de ter passado fome e outras misérias.

Apesar disso, trazia consigo *Os Lusíadas*, que procuraria publicar quanto antes.



Camões é o poeta do amor



Luís de Camões é conhecido por ser o poeta do amor, pois escreveu muitos poemas dedicados às mulheres da sua vida.

Também se sabe que não foi muito feliz nas paixões que teve, quer tenha sido por uma dama chamada Catarina de Ataíde ou pela princesa D. Maria. Assim, em 1549, o regresso de Camões a Lisboa permitiu-lhe que continuasse a escrever poemas de amor para as mulheres da corte, já que a sua família era da nobreza, ainda que não tivesse grandes condições financeiras.

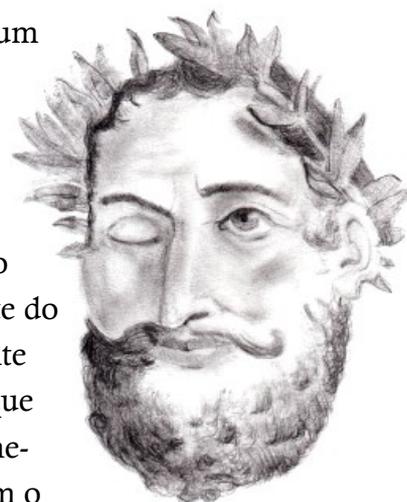
Amor sem cor e sem raça

As trovas a Bárbara Cativa foram dedicadas a uma mulher negra e escrava e o soneto mais conhecido de Camões foi escrito na sequência da morte de uma mulher chinesa. Se há um amor português é o que Camões cantou, amor que não liga à cor nem à raça.

O Barbi-Ruivo

Como era Luís de Camões?

Não há nenhum retrato pintado a partir do original. O do pintor Fernão Gomes foi feito depois da morte do poeta, consoante as indicações que lhe deram as memórias de quem o conheceu.



Um dos primeiros biógrafos, Faria e Sousa, refere-se a um documento em que se diz que Camões era “barbi-ruivo”. E Severim de Faria, cónego de Évora, numa “vida de Camões” publicada em 1624, conta que, segundo o testemunho de pessoas que ainda o conheceram Camões, ele era de «meã estatura», quer dizer nem muito alto nem muito baixo, de cara redonda, nariz comprido e grosso na ponta, o rosto desfigurado pelo olho cego, cabelo muito loiro, quase a roçar o “açafroado”, isto é, cor de açafão. Não era “muito gracioso na aparência”, mas “na conversação muito fácil, alegre e dizidor”. Para o fim da vida ter-se-ia tornado melancólico.

Certo é o que diz o seu amigo Diogo do Couto no último volume das suas *Décadas*: “Deixei-o no reino pobre e sem remédio ou estado.”

Texto: Alegre, Manuel (2007). *Barbi-Ruivo: o meu primeiro Camões*. Dom Quixote.

Retrato: Ivan Olivera e Gino Galleotti

Um livro na sala de visitas

No livro *Barbi-Ruivo: o meu primeiro Camões*, Manuel Alegre transporta-nos ao universo camoniano e desperta-nos para a beleza e sensibilidade das palavras do poeta.

Quando eu era criança, lembro-me de ver na minha casa e nas casas de pessoas de família ou amigas, normalmente na sala de visitas, um livro grande, encadernado, que se destacava de todos os outros. Nem sempre era da mesma cor, mas em todos eles havia o desenho de um homem com uma coroa de louros na cabeça e uma pala num olho. Um dia perguntei que livro era.

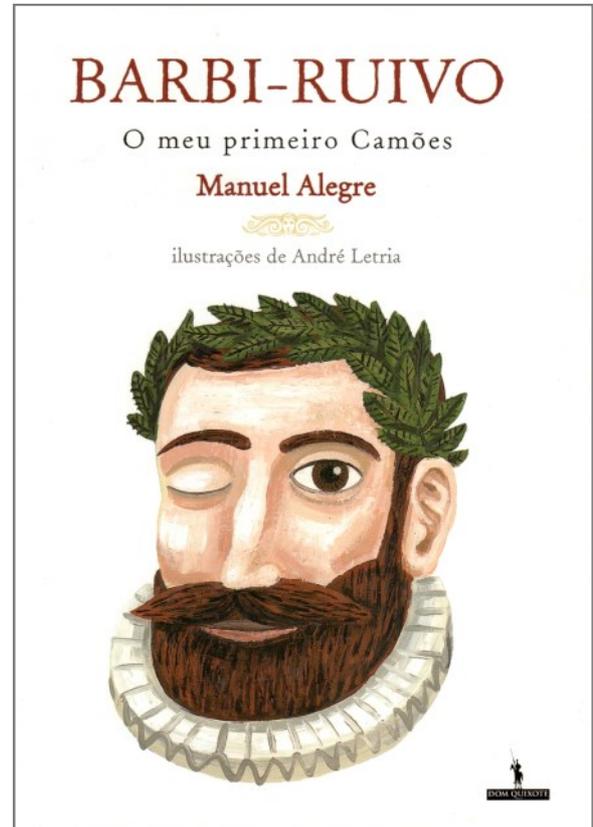
— Este livro chama-se *Os Lusíadas*, é o nosso livro — disse meu pai —, o livro dos portugueses. Foi escrito por Luís Vaz de Camões, o maior poeta português, acrescentou, apontando aquele homem de um só olho.

Às vezes abria o livro e lia para eu ouvir.

Acabei por saber de cor os primeiros versos, antes mesmo de aprender a ler:

As armas e os barões assinalados
Que da ocidental praia lusitana
Por mares nunca dantes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

Eu não sabia o que aqueles versos queriam dizer, mas gostava da música, uma música que para sempre ficou no meu ouvido. Mais tarde ensinaram-me que a “ocidental praia lusitana” é Portugal, “os mares nunca dantes navegados”, aqueles mares que eram desconhecidos até as naus portuguesas terem revelado o seu segredo, “Taprobana”,



o nome antigo dado por gregos e romanos à ilha de Ceilão, atual Sri Lanka, e o “Novo Reino”, aquele conjunto de terras onde os portugueses foram chegando e acabariam por constituir o império português.

A música

Mas o que primeiro e para sempre ficou em mim foi a música. Não só a de *Os Lusíadas*. Antes de saber ler, também aprendi de cor um soneto, que é um poema de catorze versos, duas quadras e dois tercetos, catorze versos em que Camões conta uma história inspirada na Bíblia e que é, sobretudo, uma história de fidelidade e constância no amor.

Eu subia para cima de uma cadeira, dizia

os versos e tinha a sensação de que dentro das palavras havia um ritmo, quase se podia assobiar ou entoar baixinho, era uma forma de música. Mais tarde descobriria que essa música era a música da nossa própria língua. Ou talvez do mar e das marés que estão no ritmo de Camões e da nossa fala.

O ritmo

Havia outros versos que gostava de ouvir. Não os sabia de cor, mas meu pai, que era caçador, sempre que trazia para casa um perdigão, a que chamava “rei do bando”, não se continha:

*Perdigão perdeu a pena,
não há mal que lhe não venha.*

O ritmo era um pouco diferente, lembrava o das canções e dos fados que se ouviam nas ruas e na rádio. Também se podia assobiar e dava vontade de cantar. Muitos anos depois, um compositor chamado Alain Oulman musicou estes versos que viriam a ser cantados por Amália Rodrigues.

Nessa altura já eu tinha aprendido a diferença entre o ritmo dos versos de *Os Lusíadas* e dos sonetos e os de “Perdigão perdeu a pena”. Os primeiros são decassílabos, versos de dez sílabas. Os segundos têm a medida tradicional portuguesa, são versos de sete sílabas.

O nosso livro

A minha primeira relação com Camões foi uma relação de culto.

Dizer Camões era a mesma coisa que dizer Poesia e dizer Portugal. Meu pai explicou-me que as figuras máximas de outros povos eram reis, santos, guerreiros. A nossa era um poeta.

— Um país não se faz só com vitórias militares — dizia ele. Faz-se com livros. O território pode ser ocupado, um livro como *Os Lusíadas* não. Mesmo quando perdemos a independência, não deixámos de ser nós mesmos nem de falar a nossa língua. Já tínhamos *Os Lusíadas*. E um povo que tem um livro assim nunca deixa de ser um povo soberano. É o nosso bilhete de identidade, é o nosso livro.

E dizia “o nosso livro” com os olhos húmidos, como se fosse o livro sagrado dos portugueses.

Alegre, Manuel (2007). *Barbi-Ruivo: o meu primeiro Camões*. Dom Quixote. (Abreviado)



SABIAS QUE...?

- O alvará para a impressão de *Os Lusíadas* foi emitido a 27 de setembro de 1571.
- A 10 de junho assinala-se todos os anos o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas.

Os *Lusíadas*, uma homenagem épica

Para publicar *Os Lusíadas*, Luís de Camões teve que os defender na Igreja de S. Domingos, onde se deslocou para discutir o poema com os frades da Inquisição, cuja censura era temível.

Acabou por conseguir a licença de impressão em 1571, embora não se saiba o que teria sido cortado. Em 1572 foi publicada a primeira edição de *Os Lusíadas*.

O rei, mal-agradecido, talvez sem compreender a importância e grandeza do livro que o poeta lhe dedicara, concedeu-lhe uma gratificação anual de 15.000 reis.



Embarcar n'Os *Lusíadas*

Manuel Alegre conta-nos que, quando frequentou o liceu, viu “o nosso livro” a ser dividido em orações. Em vez de se viajar com os versos do Poeta, analisava-se a estrutura sintática da obra. E matava-se a música, perdia-se o encanto e o gosto de ler “o nosso livro”.

Foram precisos alguns anos para me reencontrar com *Os Lusíadas*. Li-os como quem viaja de estrofe em estrofe. E é o que vos convido a fazer: embarcar n' *Os Lusíadas* e descobrir outra vez, de verso em verso, com Vasco da Gama, o caminho marítimo para a Índia. Mas não só. Viajar pela nossa História. *Os Lusíadas* são uma epopeia, ou seja, uma narrativa de feitos históricos.

Camões segue o modelo clássico, latino e grego. Mas, ao contrário dos poemas épicos de Homero e Virgílio, não conta uma história inventada de heróis que nunca existiram,

propõe-se (e é assim que começa o Canto I) cantar “as armas e os barões assinalados”, ou seja: os feitos e as navegações de homens verdadeiros. O herói d' *Os Lusíadas* é um herói coletivo, é o próprio povo português.

Depois da proposição segue-se a invocação. Camões pede às ninfas do Tejo “um novo engenho ardente”, “um som alto e sublimado”, “um estilo grandiloquo e corrente”, “uma fúria grande e sonora”, para que a história que vai contar “se espalhe e se cante no universo”, “se tão sublime preço cabe em verso”.

Dirige-se a D. Sebastião, a “bem nascida segurança / da lusitana antiga liberdade”. Não é propriamente uma dedicatória, mas um incitamento a que o rei, “maravilha fatal da nossa idade”, siga o exemplo dos “feitos valorosos” que ele vai contar e, inspirado por eles, vá combater a “moura lançada”. É inegável que o Poeta pretendeu estimular o rei a lutar pelo “aumento da pe-

quena Cristandade”, o que, naquela altura, significava alargar o poder do rei português a terras de Marrocos.

A narrativa da viagem não começa pela partida de Lisboa. Quando o Poeta nos leva às naus, já elas vão no canal de Moçambique.

Alegre, M. (2007). *Barbi-Ruivo: o meu primeiro Camões*. Dom Quixote.

Os *Lusíadas* contados aos jovens

João de Barros transformou a obra de Luís de Camões numa prosa fácil e clara, sem desvirtuar a beleza, o espírito e a inspiração poéticas da obra original.

Era uma vez um povo de marinheiros e de heróis, o povo português, que, no século XV, quis descobrir o caminho marítimo para a Índia. Aos olhos dos europeus, esta era uma terra de riqueza e esplendor, mas demasiado longínqua.

Em 1497, quatro naus comandadas por Vasco da Gama lançaram-se ao mar, percorreram o Atlântico e dobraram o Cabo da Boa Esperança.

O vento era brando e o mar calmo. Durante algum tempo, a viagem decorreu sem incidentes, mas os perigos eram constantes e a travessia arriscada. Ninguém sabia ao certo o rumo a seguir.

Na costa de Moçambique, os barcos rasgaram a espuma branca das ondas. A Índia estava longe, mas os sábios e marinheiros acreditavam que, se a coragem não os abandonasse, seria aquele o caminho a seguir. Os deuses, porém, ainda não tinham decidido se deviam ou não deixá-los triunfar.



Júpiter, pai de todos os deuses; Vénus, deusa do Amor; Baco, deus do Vinho; Marte, deus da Guerra; Apolo, deus da Luz e da Beleza; Mercúrio, deus do Comércio e dos Viajantes; e Neptuno, deus do Mar, juntaram-se para decidir se prestariam ou não auxílio aos Portugueses.

Vénus e Marte desejavam protegê-los, Mercúrio considerava que tinham valor e coragem, mas Baco, que outrora tivera grande poder na Índia, não aceitava a ideia de que os Portugueses se tornassem senho-

res do Oriente.

Quando o concílio dos deuses terminou, já as naus portuguesas se encontravam no oceano Índico, onde se sabia estarem vulneráveis às armadilhas e ciladas do vingativo Baco.

Quando chegaram a Moçambique para se reabastecerem, Vasco da Gama recebeu um chefe mouro da ilha. Confiante, contou-lhe os seus intentos. O xeque, ao ver as armas que transportavam e crucifixos a bordo, apercebeu-se que os viajantes não veneravam o seu deus. Disfarçou o ódio e disse que lhes cederia um piloto competente, que os conduzisse ao destino.

Baco disfarçou-se de mouro e segredou intrigas ao ouvido do xeque, aconselhando-o a montar uma cilada que colhesse os Portugueses de surpresa quando fossem a terra abastecer-se de água fresca, frutas e legumes.

Quando os Portugueses desembarcaram na praia mais próxima, foram atacados. Defenderam-se, porém, com grande coragem. No momento em que se começou a ouvir o som da artilharia montada nos batéis, os mouros entraram em pânico, porque o estrondo não se assemelhava a nada

que tivessem ouvido antes. Assustados, fugiram para o mar e para o meio do arvoredo e da vegetação luxuriante e alta.

O chefe da ilha propôs, então, uma paz fingida. O piloto que cedeu aos Portugueses tinha como missão encaminhá-los para a ilha de Quíloa, onde os aguardava maiores perigos. No entanto, as caravelas de Vasco da Gama foram afastadas pelo vento para longe da ilha. Vénus tinha implorado a Mercúrio que os encaminhasse para um porto seguro.

Iludidos pelas palavras do piloto mouro, rumaram para Mombaça. Quando ali chegaram, Vasco da Gama mandou a terra dois marinheiros experientes para depois o informarem sobre os costumes e a religião dos habitantes da ilha.

Os mouros de Mombaça trataram os marinheiros com aparente bondade e simpatia, pois Baco, para os ludibriar, tinha-se disfarçado de sacerdote cristão, mas Vénus, recorrendo à força da maré, arranjou maneira de empurrar as naus portuguesas para longe do porto, evitando que os seus protegidos caíssem noutra cilada.

Barros, J. *Os Lusíadas de Luís de Camões contados às crianças e lembrados ao povo*. Livraria Sá da Costa.

O plano da mitologia

Em *Os Lusíadas*, para o tratamento literário do acontecimento central, Camões criou uma fábula mitológica onde os deuses, como se fossem humanos, entram em conflito por causa da viagem de Vasco da Gama.



O concílio dos deuses

Os deuses reúnem-se num concílio para decidirem que sorte hão de dar aos Portugueses navegantes que procuram no mar aquilo que outros, desde os romanos aos mouros, só conseguiram encontrar em terra.

Júpiter, rei dos deuses, considera que os Portugueses, por serem corajosos e determinados, devem ser protegidos. Sabe que eles são capazes de levar ainda mais longe os feitos dos povos antigos, mas Baco não é da mesma opinião. Vira-se contra os Portugueses e também contra a bela Vénus, sua irmã.

— No que de mim depender, eles não hão de chegar ao seu destino, essa Índia tão distante, porque tudo o que foi grande e glorioso já está cumprido e pertence à História — anuncia, em tom ameaçador.

Para os Portugueses não era suficiente o apoio de Vénus, pois só com Marte e Mercúrio do seu lado iriam conseguir dar com o caminho que os fizesse chegar sãos e salvos às longínquas terras do Oriente.

Mercúrio toma o partido de Vénus, embora saiba que Baco nunca lhe perdoará essa escolha, e apoia os navegantes comandados por Vasco da Gama.

A respeito dos Portugueses, Mercúrio diz:
— Sobre-lhes o valor e a coragem já demonstrados nas batalhas contra os Romanos, os Mouros e os Castelhanos. Depois, quer o destino, a que chamarei “fado”, que suplantem em glória os Assírios, os Gregos



e os Romanos, senhores das glórias mais antigas. E bem merecem que assim aconteça, pois já mostraram ser capazes de vencer a força das marés, que poucas vezes encontraram de feição.

Baco não aceitava a ideia de que os Portugueses se tornassem senhores do Oriente, seu domínio desde sempre, e onde nunca tinham faltado po-

etas capazes de cantar o seu amor pelo vinho, pelas festas e pela riqueza abundante e fácil com que se compram as almas dos homens e os corpos das mulheres.

Quando o concílio dos deuses terminou, já as naus de Vasco da Gama se encontravam no oceano Índico, onde se sabia que, mesmo com o apoio de Júpiter, estariam sujeitos às armadilhas e ciladas do vingativo Baco, apostado em evitar que alcançassem a longínqua Índia.

Vénus, porém, que apreciava a “gente lusitana”, por a achar doce e dedicada, disse a Marte e Júpiter:

— Muito atenta vou ficar, para que o maldoso Baco não satisfaça os seus propósitos. Eu gosto desta gente e hei de protegê-la.

Letria, J. J. (2009). *Os Lusíadas: narrados aos jovens por José Jorge Letria*. Oficina do Livro.

Como era a vida a bordo das naus dos Descobrimentos?

A vida a bordo das naus que partiam para os Descobrimentos era bastante difícil. Sabes que perigos enfrentava a tripulação?

Portugal, no século XV e XVI, tinha cerca de um milhão de habitantes e um território que não parava de crescer. Poucas pessoas queriam embarcar nas viagens, pois tinham muito medo dos perigos que iam enfrentar pelos mares nunca navegados. Muitas pessoas morriam. Ou porque as embarcações afundavam ou porque ficavam doentes.

Ora, com o passar do tempo, as naus tornaram-se cada vez maiores, para que se pudesse trazer o máximo de riquezas das terras exploradas e, como tal, também a tripulação tinha de ser maior. Entre o capitão, religiosos, soldados, marinheiros e bombardeiros eram cerca de duzentas pessoas. Imagina!

Claro que tinham de trazer a bordo um médico, um barbeiro, carpinteiros e outros para que tudo corresse bem. Como não havia muita gente interessada em embarcar, levavam aqueles que podiam obrigar a ir: os criminosos começaram a cumprir penas ao serviço dos Descobrimentos.

As naus permitiam levar bastante comida, que era distribuída cuidadosamente entre todos os tripulantes. Por causa das longas viagens, levavam produtos que não se estragavam com facilidade como arroz, carne seca, peixe seco, azeite, grão ou mel. E alguns animais vivos, como galinhas, ovelhas e porcos. Havia também uma grande carga de produtos que se destinavam às trocas comerciais.

Quando a viagem já ia adiantada começa-

vam os problemas. As baratas e os ratos infestavam o porão, onde se encontrava a carga e a comida. Não só a comida começava a ficar impró-

pria para consumo, como se tornava uma forma de propagação de doenças. Se juntarmos a isto o facto de os homens não poderem usar a água para tomarem banho é melhor nem pensarmos no cheiro que pairava dentro das naus!

A doença mais comum e que matava mais homens era o escorbuto, causada pela falta de vitamina C no organismo.

Mas não pensem que tudo ficava bem ao chegarem ao destino. O objetivo destas viagens era trazer riquezas. As naus vinham carregadas de especiarias, sedas, pérolas, pedras preciosas e porcelanas ou animais exóticos.

Vinham com tanto peso que muitas vezes os tripulantes tinham de atirar parte da carga ao mar para a nau não afundar. Dizem que cerca de uma em cada três embarcações, acabava engolida pelo mar. Ser marinheiro no tempo dos Descobrimentos era um grande desafio! Ufa!



O Sentimento dum Ocidental

O poema “O Sentimento dum Ocidental” é considerado a obra prima de Cesário Verde. Foi publicado no dia 10 de junho de 1880, dois dias depois de oficialmente terem início as comemorações do tricentenário da morte de Luís de Camões.

Ave-Marias

Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.

O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoa-me, perturba;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba
Toldam-se duma cor monótona e londrina.

Batem carros de aluguer, ao fundo,
Levando à via-férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista, exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações somente emmadeiradas:
Como morcegos, ao cair das badaladas,
Saltam de viga em viga os mestres carpinteiros.

Voltam os calafates, aos magotes,
De jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos;
Embrenho-me, a cismar, por boqueirões, por becos,
Ou erro pelos cais a que se atacam botes.

E evoco, então, as crónicas navais:
Mouros, baixéis, heróis, tudo
ressuscitado!
Luta Camões no Sul, salvando um livro
a nado!
Singram soberbas naus que eu não verei
jamais!



PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAL

- 3. O seu dia celebra-se a 10 de junho
- 6. Tipo de herói d' *Os Lusíadas*
- 7. Aqui, o poeta cumpriu o serviço militar
- 8. Camões pediu inspiração às do Tejo

VERTICAL

- 1. Um dos gigantes mitológicos
- 2. Narrativa de feitos históricos
- 4. Poema de catorze versos
- 5. Cidade onde Camões terá estudado

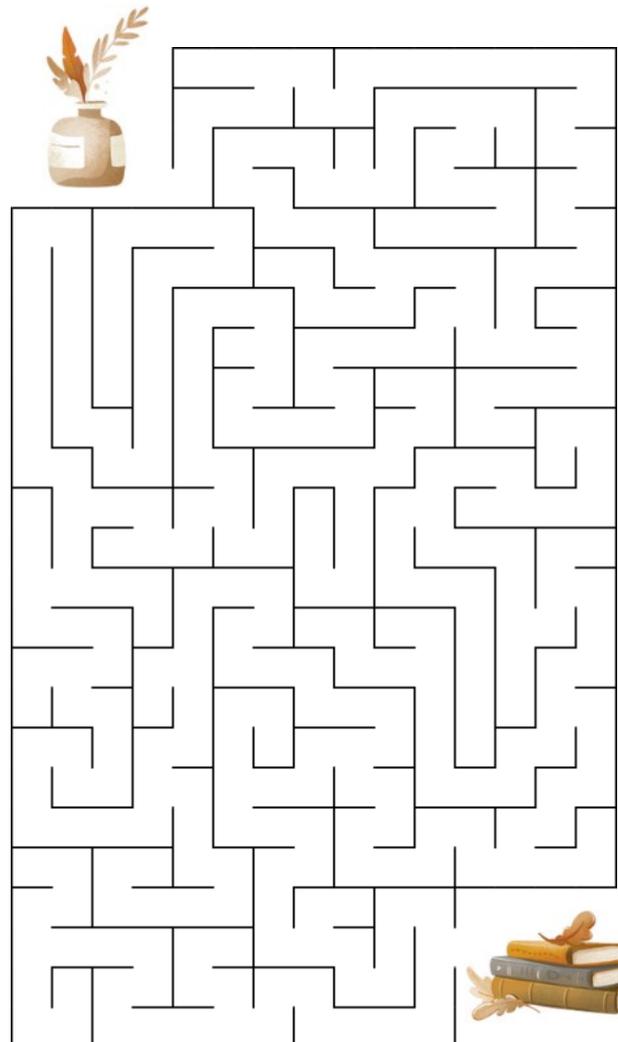


SOPA DE LETRAS

- | | | |
|---------|----------|-----------|
| Amor | Índia | Poeta |
| Ceuta | Lírica | Portugal |
| Deuses | Lusíadas | Soneto |
| Epopeia | Oriente | Travessia |

N P B O S A T U E C
 C H O C G P R T U H
 O R I E N T E Q A O
 A L Q U T R I C T V
 L Í R I C A D E S F
 A F M A A I N E O P
 E M S D V O T P A V
 P Q O G S N C O N A
 L S L R G E O P L I
 A D N S E S U E D S
 G I V O R B N I A S
 U L U S Í A D A S E
 T D O E N S E T U V
 R V U M D H J I P A
 O L I E I T G L E R
 P Q R O A E V R O T

LABIRINTO



SABIAS QUE...?

- A expressão “**Velho do Restelo**” tem uma carga negativa e é usada em sentido pejorativo relativamente a todos os que se opõem à mudança, à inovação e ao risco.
- **Adamastor** ou cabo das Tormentas — hoje da Boa Esperança — é o símbolo do medo do que não se conhecia. Dobrar aquele cabo era como vencer o próprio medo.
- Nos anos 1950, havia passagens do **Canto IX** d’ *Os Lusíadas* que estavam censura-



das e não eram dadas nas aulas, por isso os alunos liam-nas às escondidas.

Alunos do Agrupamento na final do Concurso Municipal de Leitura

A 1.ª fase da 2.ª edição do Concurso Municipal de Leitura decorreu na Biblioteca Municipal de Valença, nos dias 13 e 14 de março. Participaram 122 alunos de todos os níveis de ensino do AEMM. Para a fase final ficaram apurados os seguintes concorrentes.

1.º Ciclo

Diogo Silva, EB de Valença
Maeva Conde, EB de Friestas
Martim Ferreira, EB de Valença
Tomás Costa, EB de Valença

2.º Ciclo

Afonso Caldas, 5.º A
Bernardo Tomé, 5.º C
Lucas Gil, 5.º A
Simão Almeida Martinez, 5.º A

3.º Ciclo

Francisco Sousa, 7.º B
Letícia Pereira, 8.º B
Miguel Nunes, 8.º A
Miguel Silva, 8.º B

Ensino secundário

Lara Ferreira, 12.º B
Márcio Ferreira, 12.º B
Noah Alves Loureiro, 12.º B
Rodrigo Barros, 12.º B

A fase final decorre no dia **23 de abril**, às 10h30, na Biblioteca Municipal de Valença.

